

ESPAÇO PÚBLICO E A INTEGRAÇÃO SOCIAL

Jaime

A SUBESTIMAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO ENQUANTO REALIDADE INTEGRADORA

DUAS ABORDAGENS DEPRECIADORAS

1. **CULTURALISMO: IDEOLOGIA CONSERVADORA?** Identidade nacional – excepcionalismo – essencialismo; *VIRADA CULTURAL* - centralidade da dimensão cultural pela “esquerda” - resistência – multiculturalismo, decoloniedade – saberes do “colonizador”, universalidades onde há sufocamento da *DIVERSIDADE CULTURAL*, *EPISTEMICÍDIO* .
E A CIDADE (E OS ESPAÇOS PÚBLICOS) NESSE CONTEXTO: recusa do caráter “universal” da cidade - etnocentrismo (não há critérios comuns para se pensar cidades europeias, africanas, latino-americanas e asiáticas). Essa definição é aberta e permite o ingresso de fatos novos, mas não permite comparabilidade e cada urbano é um mundo tão próprio a ponto de ter-se que a cada descrição construir referências próprias. TER ESPAÇOS PÚBLICOS OU NÃO É UMA QUESTÃO CULTURAL.

A SUBESTIMAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO ENQUANTO REALIDADE INTEGRADORA (II)

2. O MATERIALICISMO (a exacerbação do materialismo): *TEORIAS CRITICAS* (algumas de origem marxista, por exemplo) tratam o urbano como: **a)** um espaço “capitalista” – dispositivo para a acumulação – para a exploração do trabalho - espaço funcional produtivo; **b)** espaço forjador do individualismo – espaço forjador do consumo, do consumismo (identificação espaço público e consumo é comum, ou como *locus* da burguesia)

CIDADE REAL REDUZIDA - resíduo que não opera para a emancipação - estuda-se a produção na cidade, negligenciado a cidade como configuração produtiva. A cultura de esquerda *SOCIALISMO REAL* reprimiu os espaços públicos; a cultura de esquerda difusa vê o pleito por espaços públicos como postura pequeno burguesa diante de urgências mais graves.

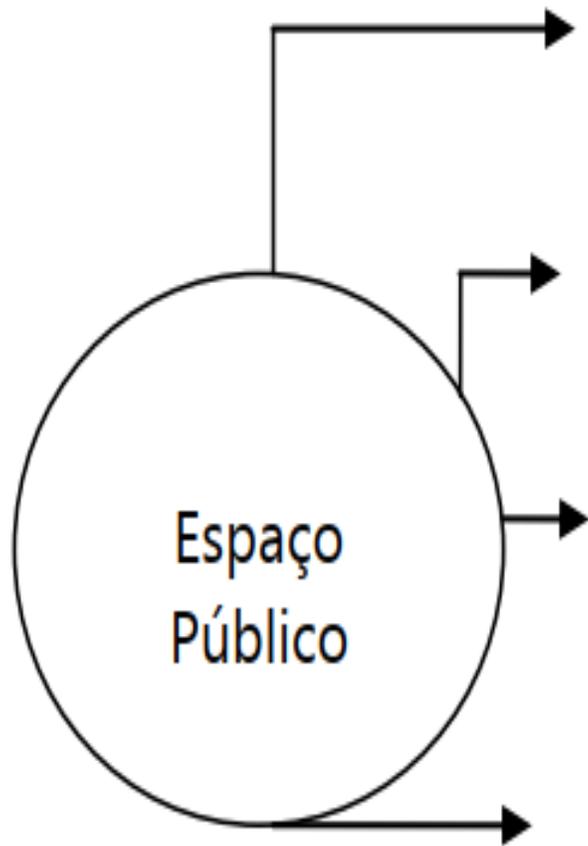
É POSSÍVEL CONCEITUAR ESPAÇO PÚBLICO? COMO?

1. Mike Davis, pensando em Los Angeles, prevê o fim dos espaços públicos – Teresa Caldeira discorda do enunciado “fim dos espaços públicos” e fala em “novos tipos de espaços públicos”. Para M. Davis espaço público não se transmuta em formas distintas, ele existe ou não. Para Teresa Caldeira há modalidades.

2. Para *Ortega Y Gasset* o “homem massa” que é um sujeito anônimo, incaracterístico, que perdeu a identidade de grupo e a recupera apenas em alguns momentos contra o inimigo externo ou em uma competição esportiva. E o que provocou? A comunicação de massa e a impessoalidade das grandes metrópoles.

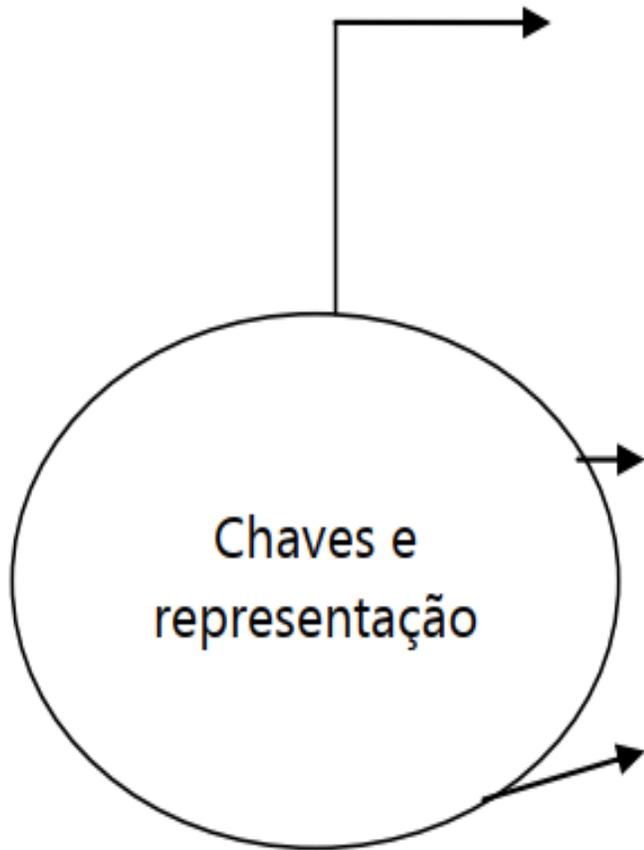
3. Autores como Jane Jacobs e Pierre Ansay e R. Schoonbrodt entendem a impessoalidade e o anonimato como a matéria prima essencial das cidades, um valor e a condição indispensável para a constituição de espaços públicos.

ESPAÇO PÚBLICO



- Espaço que tem a capacidade de resumir a diversidade da população e as funções de uma sociedade urbana.
- *Essência*: aqueles que nele estão presentes podem e devem admitir que todos os outros membros da sociedade (inclusive outras sociedades) podem estar ali, lado a lado.
- Praticar o espaço público é para um indivíduo se expor a encontrar os indivíduos mais diferentes que habitam a cidade.
- Contribui para a autovisibilidade da cidade – é uma imagem da totalidade – lugar fortemente marcado pela dimensão política.

METODOLOGIA PARA PENSAR O ESPAÇO PÚBLICO



Simmel → Sennet → **Extimidade** → a cidade deve ser o lugar onde é possível se unir aos outros sem resvalar na compulsão da intimidade → o percurso no espaço público supõe a suspensão da intimidade → é o anonimato que permite a individualidade se desenvolver, possibilita a iniciação como decisão do indivíduo.

Deve-se representar o espaço público como um contínuo diferenciado por gradientes e não como uma lista de espaços determinados.

Todas as variantes entre 0 a 100% de "público" podem ser encontradas na maior parte das cidades. Há espaços que não podem ser públicos; outros que têm seu conteúdo público comprometido pela lógica da cidade (inclui a sociedade urbana)

UMA CLASSIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Extimo / Íntimo Acessibilidade	Espaço Societal	Espaço comunitário	Espaço Coletivo	Espaço Individual
Acesso Livre	Domínio público: ruas, praças, etc.	∅	∅	∅
Acesso Normal	Domínio semipúblico: estações, transportes públicos, cafés, cemitérios, centros comerciais.	“Espaço paroquial”: bairros “étnicos”, “cités”.	Entradas de imóveis, bairros tradicionais.	“residência” oficial de autoridades.
Acesso Restrito	Domínio semiprivado: táxis, lojas, cinemas, teatros, bares, restaurantes.	Lugares de culto, “guetos”.	Áreas comuns de imóveis, ruas privadas.	Zonas-tampão, postos de trabalho.
Acesso Reservado	∅	Casas de tipo familiar/comunitárias, gated communities.	Locais de trabalho, clubes, condomínios fechados.	Espaço privado: moradias, automóveis.

Fonte: LÉVY, Jacques, 1999, p. 239, tradução nossa.

CIDADE E ESPAÇOS PÚBLICOS COMO INTEGRADORES - PRODUTORES DE SOCIEDADE

A urbanidade corresponde à acessibilidade ao conjunto da cidade efetivamente garantida pelo poder político (DUPUY, 1995, p. 17). E aos espaços públicos.

“[...] cidade não dissocia: ao contrário, faz convergirem, num mesmo tempo, os fragmentos de espaço e os hábitos vindos de diversos momentos do passado” (LEPETIT, 2001, p. 141).

“[...] circulação multidirecional e aleatória sobre uma rede larga e densa de informações múltiplas” (LÉVY, 1994, p. 298).

FREDRIK BARTH, antropólogo norueguês, destacou que – ao contrário do senso comum, que as fronteiras não são traçadas com o objetivo de separar diferenças. Ao contrário, justamente porque se demarcam fronteiras é que, de repente, as diferenças emergem, que as percebemos e nos tornamos conscientes delas. Melhor dizendo, vamos em busca de diferenças justamente para legitimar as fronteiras.